

Coletânea

Tudo no mundo começou com um sim

Vinte mulheres escrevem

Autoria coletiva

Organizadora Meire Brod

Editora Lupagraf

2019

Coletânea Vinte mulheres escrevem, 2019

Tudo no mundo começou com um sim

Coordenação editorial:
Meire Brod

Textos:
Autoria coletiva

Capa:
Luiz Pedro Prisco

Projeto gráfico:
Dobro Comunicação (Libélula Editorial)

Revisão:
Beatris Chemin

Todos os direitos desta edição reservados às autoras
Lajeado, agosto de 2019.

T912 Tudo no mundo começou com um sim : Coletânea Vinte mulheres escrevem / [coordenação : Meire Brod]. – Santa Cruz do Sul : LupaGraf, 2019.
109 p. : il. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-98355-21-4

1. Mulheres e literatura. 2. Mulheres na literatura. 3. Mulheres – Miscelânea. I. Brod, Meire.

CDD: 809.89287

Bibliotecária : Luciana Mota Abrão Holz - CRB 10/2053

Coletânea

Tudo no mundo começou com um sim

Vinte mulheres escrevem

masculino foi requisitado para curar o "problema". A palavra mais dita começa com C e termina com "alho".

O reduto da grosseria é a partida de futebol. Você até desliga do jogo para prestar atenção ao palavrão do cara ao lado, xingador do juiz, mãe do badanha, tia, avô e toda a parentada. O povo ri. Olé!

Xingar é um ato de descarregar uma raiva curta e momentânea. Serve para tirar o estresse. Os piores palavrões são nossos melhores amigos. Não fossem eles, os consultórios psiquiátricos estariam ainda mais abarrotados de gente.

Quem não tem um dito torpe, está sem válvula de escape.

Duvida de que o palavrão é terapia? Pesquisa no Google a idade da morte de Dercy Gonçalves. Use com moderação. Vamos combinar: Dercy exagerava.

Andreia Rabaiolli reside em Lajeado. Jornalista. Assina o blog de **crônicas pitonicas.wordpress.com**

Dizer sim por amor ao destino

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem.

Friedrich Nietzsche.

Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes? Afirmas a vida tal como ela é?

"Afirmas a vida mesmo em seu caráter absurdo e sofredor?" – pergunta Nietzsche.

Viver esta mesma vida por um número infinito de vezes é o cerne da sabedoria trágica de Nietzsche, na qual afirma-se um incondicionável Sim.

"Eu prometo uma era trágica: a arte suprema do dizer Sim à vida."

Viver não é apenas manter-se vivo ou morrer a cada dia.

Tampouco é lutar pela vida. Há vida em demasia.

Vida grande, extensa, narcísica, meio para se fazer algo ou se chegar a determinado lugar.

Não, não nos falta vida.

O que nos falta é uma potência de vida.

Uma vida pequena, minúscula, intensa, sensível, forte.

E mesmo que não dure, arda em intensidade.

Ora, não seria Zaratustra a mais alta forma de afirmação e abundância dessa vida, exaltação do dionisíaco e de eterno dizer Sim?

Cansado de carregar o peso como camelo, Zaratustra se transmuta em leão, o qual, apesar de se livrar, por vezes das amarras, não cria nada de novo, pois ainda está preso às forças reativas. Somente ao se transmutar novamente, agora em criança, Zaratustra isenta-se de qualquer memória e ressentimento, podendo, então, afirmar a vida.

O amor à vida, ou nas palavras de Zaratustra "a todo foi assim",

é o amor ao necessário. Amor ao destino, ou amor *fati*, como ele denomina: "Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. Amor fati: seja este, doravante, o meu amor! [...]E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!" A rigor, o amor fati é privilégio daquele que aprende a dizer Sim.

Mas não é Sim ao déspota, ao intolerável, às forças reativas, aos poderes entristecedores, às capturas do estado, às imposições da igreja, às paixões tristes.

É um Sim às forças ativas da vida, de modo a tornar leve o mais pesado dos fardos.

Por ser forte, o amor fati deseja o eterno retorno e pede a repetição da vida. "Era isso, a vida? Pois muito bem! Outra vez!" – diz Nietzsche.

Ao desejar a volta de tudo, o amor fati se mostra como uma atitude corajosa, porque diz Sim não apenas a todo prazer, mas a todo sofrimento, inclusive.

No limite, o amor fati grita: seja digno do que te acontece!

O que fazes com o que te acontece?

"De certo tudo deve estar sendo o que é" - afirma Clarice Lispector.

Amar o destino como ele mesmo se apresenta não é uma resignação diante do que se manifesta, mas é agarrar o acaso do que nos acontece, pois necessariamente tudo passa e tudo retorna, como a efemeridade dos fluxos. Mas não retorna igual, retorna como o movimento da própria existência, diferenciando-se a cada vez de si - a mesma e, no entanto, outra.

Quanto mais a vida se diferencia, mais se multiplica.

Digna de riso, a vida afirma-se de modo alegre.

Isso significa vivê-la de maneira intensa e senti-la em sua totalidade, afinal, para Nietzsche, "desde que os homens existem, sempre o homem se alegrou pouco demais". Mas a experiência da alegria trágica é rara e marcadamente singular.

O que se manifesta usualmente na vida comum é a alegria transvestida de felicidade individual e social, reduzida à ausência de sofrimento. Ingenuamente otimista, artificiosa, satisfeita e conformada com um ideal de felicidade, tal vida é enfraquecida de potência.

Eis que a vida é um conjunto de experimentações, é criação de formas. "Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe" – lembra Lispector.

A vida é artista, e como acontece em toda atividade artística, não há nada fora da própria atividade, pois os criadores são aqueles que se tornam, eles mesmos, o presente.

Um presente ligado a um Sim criador.

Há de se perceber, então, que nada há de fixo, de permanente ou imutável, pois sempre há alguma coisa a criar e a esquecer, de modo que só se cria e se vive ao esquecer-se e relembrar.

Então, que importa a vida?

Que potência de vida podemos afirmar?

Cultivar a vida é colocar-se em uma zona estética, onde tudo se põe em variação. Modifica-se, deseja-se de outro modo, acredita-se de forma diferente, investe-se naquilo que em mim torna-me diferente do que eu sou, pois a vida de camelo acaba no deserto. Seja como for, o Sim afirma a terra, o cosmos, tornando puramente possível tudo o que existe.

"Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida" - escreveu Lispector.

Queiramos ou não, a vida acontece e se repete.

Necessariamente.

Então diremos: Sim, mais uma vez.

Angélica Vier Munhoz reside em Lajeado. Professora universitária. Autora de Coreogeografias e de capítulos de livros. Participação na organização de livros.